

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Nós vos saudamos o nosso primeiro aniversário

AS grandes cerimónias eucarísticas têm início, amanhã, neste lindo rincão minhoto.

Tudo se engalanou para receber as digníssimas autoridades religiosas e civis e atapetam-se as ruas, enchem-se de flores e de luzes as janelas para o grande cortejo triunfal da Santíssima Eucaristia.

Não há coração algum de Melgacense digno que não exulte de júbilo por receber, em sua casa, tão ilustres personagens e por esconder, dentro dos seus muros históricos a Divina Eucaristia.

Afinal, a presença augusta dos augustos Prelados de Portugal e da Galiza, a presença das autoridades civis e militares, esta presença grandiosa é a união de todos para que as homenagens que vamos render à Santíssima Eucaristia sejam mais eloquentes e, portanto, mais dignas e mais expressivas.

Nesta terra privilegiada da natureza, reúnem-se preladados, autoridades, sacerdotes e os congressistas: gente de perto e de longe.

Espalhados por esse Portugal fóra e pelo Mundo inteiro, milhares de Melgacenses a compa-nham-nos nesta hora, com a alma ardente e o coração inflamado, na mesma saudação aos que veem até nós.

«Bendito o que vem em nome do Senhor».

Com as mesmas palavras com que foi recebido Cristo, nós recebemos e saudamos Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz e Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} os Senhores Bispos de Tuy e Orense, do Pôrto e de Limira.

Ao peito trazem o Troféu que se ergue no cume dos nossos montes e no mais íntimo dos nossos peitos: a cruz.

Salvé! Nós vos saudamos.

Peregrinos de Portugal

e da Galiza, embalados pelas águas do Minho, preparam-se para tomar parte nas nossas festas eucarísticas.

Para todos, a saudação bem nossa: Sede bem-vindos; as nossas casas São vossas.

Estão presentes, amanhã e no domingo, as autoridades do

HA um ano, precisamente, que «A Voz de Melgaço» começou a publicar-se, devido à iniciativa e ao entusiasmo de alguns melgacenses.

Festejamos o nosso primeiro aniversário.

Não há música nas ruas, embora, nosso Mestre Morais nos não

rejeitasse o pedido, se lho fizéssemos, não há o estralar dos foguetes, ainda que a festa seja muito importante; há alegria nas nossas almas e satisfação muito grande nas nossas consciências. E é esta a melhor das festas.

* * *

Ao lançarmos o jornal em público, traçamos um programa e não nos desviamos dele um só instante. Servimos a Deus com a inteireza do nosso carácter, da Sua doutrina e da nossa fé; servimos os interesses do nosso Concelho tomando iniciativa, encorajando outras, discutindo, lealmente e seriamente, algumas com que não estávamos, inteiramente, de acordo.

Predominou a educação na forma como se trataram os problemas e na maneira como nos referimos às pessoas.

De cabeça levantada, não bajulamos ninguém e, também, não regateamos a palavra de justiça a quem era devida, desde o fraco ao forte, desde o pobre ao rico.

Estamos, portanto, satisfeitos.

* * *

Depois de agradecermos a Deus o haver-nos ajudado nesta tarefa, não queremos esquecer bons e dedicados amigos que sofreram, conosco, as reclamações e as queixas da primeira hora procurando resolvê-las: o Dr. Júlio Outeiro Esteves e o P.e Justino Domingues.

Não fazemos referência

especial aos nossos colaboradores e correspondentes—tão dedicados, tão amigos e tão leais—porque o trabalho do primeiro ano foi o trabalho árduo da orientação e da Administração.

Na orientação foi-nos um extraordinário e insubstituível auxiliar o Dr. Júlio Esteves, a quem o Senhor, de vez em quando, pren-



D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz

Continua na 6.^a página

(Continuação na 6.^a página)

PARA EL QUINCENARIO «A VOZ DE MELGAÇO» CON MI BENDICION

22—Abril—1947

+ José, Obispo de Tuy

Foi esta a bênção que nos enviou Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Snr. Bispo de Tuy, quando o convidamos para o Congresso e nos ofereceu a Sua fotografia, que publicamos na página dedicada à Galiza.

SEDE BEM -- VINDOS

A província da Galiza manda até nós, ao nosso Congresso, luzida representação e os Senhores Bispos de Tuy e de Orense. Vão para suas Ex.^{as} Rev.^{mas} e para o bom povo galego as nossas saudações de boas-vindas e dedica-lhes «A Voz de Melgaço» esta página em dia tão festivo.

Para todos, com o abraço amigo, a nossa portuguesíssima saudação: «Sede bem-vindos!».

Foi no Escorial | FALAM OS MESTRES | Choram e cantam os namorados...

ERA nos últimos dias de Setembro de 1945. Fui de Madrid ao Escorial a fim de visitar a monumental joia espanhola que eternizando a Pátria guarda as cinsas dos seus reis. Escorial: Templo de fé, de arte e de grandeza, simbolo da magestade, marco miliário de uma época histórica.

* * *

Acompanhava-nos um guia de turismo, quando

na preciosa biblioteca nos demoramos uns bons instantes a contemplar manuscritos célebres.

Havia nos deleitado o mavioso canto gregoriano dos padres jerónimos que executaram à missa das dez horas. Lembrei-me, então, que o sr. Bispo de Tuy era frade jerónimo, era douto nos estudos clássicos, trabalhava na biblioteca do Escorial e era professor da Universidade central de Madrid e membro do Conselho de Investigações Científicas.

Perguntei ao bom do cicerone se conhecia o Bispo de Tuy.

Ao falar lhe nesta alta personalidade da inteligência espanhola, ocupou todo o tempo a dizer-me



Bispo de Tuy

o máximo de Sua Ex.^a Reverendíssima.

Ao ver o sr. Bispo de Tuy tão perto de nós, tão perto que fica no nosso coração, testemunhamos-Lhe o preito da nossa admiração sincera e respeito profundo, respeito e admiração em que envolvemos a figura eminente do sr. Bispo de Orense, o qual além dos cuidados pastorais, é autor de uma obra de comentário ao Direito Canónico em 3 volumes.

Aos Prelados beijamos, respeitosamente, o sagrado anel; para as grandes inteligências que estão no nosso meio, e vieram da Galiza, vão com a nossa admiração, o nosso respeito e a nossa estima.

JÚLIO VAZ

MELGAÇO UMA QUADRA

sob a jurisdição do Arcebispo de Braga

«A separação, por direito, fez-se por autoridade apostólica: o território de Ribas-Coa, pertencente a Cidade Rodrigo foi incorporado no diocese de Lamego por Bonifácio IX em 1453: e de entre Minho e Lima e o de além Guadiana, sujeitos, respectivamente, a Tuy e Badajoz, foram incorporados no bispado de Ceuta por Eugénio IV, em 1444. Por conversão com o Bispo de Ceuta em 1512, Braga ficou a possuir as terras de entre Minho e Lima; as de além Guadiana e situadas no bispado de Ceuta até serem integradas no de Évora»

(História Eclesiástica de Portugal, do Pe Miguel d'Oliveira)

Lugar máis hermoso No mundo n'hachara, Qu'aquel de Galicia, Galicia encantada!

Rosalía de Castro

Vista geral de Vigo, Cidade progressiva da Galiza

Entre os diferentes dialectos románicos da península nenhum recebeu mais prematuramente a forma escripta do que o galego, pelo qual se introduziu a poesia provençal nas côrtes de Portugal e de Espanha (1); por circunstâncias políticas nenhum perdeu tão cedo a vida literaria, ficando apenas falado por um povo desde muito tempo anulado pela absorção castelhana. Ao formarem-se as primeiras literaturas da península, o galego foi a linguagem em que se poetava na côrte de Castela, como se vê pelas *Cantigas* de Afonso o Sabio, e na côrte de Portugal, como está bem patente nas mil duzentas e cinco canções do *Cancioneiro da Vaticana*, e nos centares de canções da coleção da Ajuda; por esse dialecto hoje desprezado, admitido apenas para uso das relações intimas das necessidades infantis, é que se podem explicar certas formas literarias, como as *Serranilhas*, e certos fenomenos linguisticos do portuguez e castelhano como o *che* por *te* e por *pl*. Efectivamente, a Galiza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade. Apesar de todos os esforços da desmembração política, a Galiza não deixou de influir nas formas da sociedade e da literatura portugueza: nas luctas de D. Afonso II, refugiaram-se na Galiza bastantes trovadores portuguezes, como João Soares de Paiva, e nas luctas de D. Fernando, refugiaram-se em Portugal um grande numero de familias nobres da Galiza, como os Camões, os Mirandas, os Caminhos, de onde provieram os gran-

Adiós rios, adiós fontes, Adiós regatos pequeninos, Adiós vista dos meus ollos, Non sei cando nos veremos.

Minha terra, minha terra, Terra donde m'e u criei, Ortiña que quero tanto, Figueiriñas que prantei.

Prados, ri s. arborescadas, Pinares que meos ó vento, Paxariños piadores, Casiña do meu contento.

Muinho d'os castañares, Noites craras de luar, Campaniñas trin badoras, Dá igrexiña do lugar.

Amoriñas d'as silveiras, Qu'eu lle dab'ó meu amor. Camiñiños antr'ó millo, Adiós para sempre adiós!

Adiós gorial adiós contental, Deixo á casa onde nacín, Deixo á aldeia que conoço, Por un mundo que non cin!

Deixo amigos por estranhos, Deixo á veiga pó lo mar, Deixo, en fin, canto ben quero... ¡Que pudera non deixarl...

Mais son prob' e mal pecado, A minha terra n' é miña, Qu' hastra lle dán de prestado, A veira por que camiña, Ó que naceu desdichado.

Ténovos, pois, que deixar, Hortiña que tanto ameí, Foguetriña do meu lar, Arboiriños que prantei, Fontiña d' o cabuñar.

Adiós, adiós que me vou, Herbiñas do camposanto, Donde meu pay s' enterrou, Herbiñas que biquei tanto, Terriña que vos criou.

Adiós, Virxe d' Asunción, Branca com' un serafín, Léobos no corazón, Pedídelles á Dios por min, Miña Virxe d' Asunción.

Xa s' ejen lonxe, meo lonxe, As campanas do pomar, Para min joyl cottadiño, Nunca máis han de tocar.

Xa s' ejen lonxe, mais lonxe, Cada balada é un dolor;

Vou-me soyo, sin arrimo, Minha terra, adiós! adiós!

Adiós tamén, queridaña... Adiós por sempre quixáisl... Digoch' este o dios chorando, Desd' á veiriña do mar, Non m' olvides, queridaña, Si morro de soidás... Tontas légoas mar adentr'... ¡Minã casinal, imeu lar!

Rosalía de Castro

Rosalía de Castro, grande poetisa lirica, nasceu em Santiago de Compostela.

— II —

«Vend' os assim tão pertinho A Galiza e mail' o Minho São como dois namorados Que o rio traz separados Quasi desde o nascimento, Deixá-los, pois, namorar, Já que os pais para casar Lhes não dão consentimento.

«Todas as moças vem ó moinho, todas as moças ó moinho vem, vós bem sabendes, moças do Minho, vós bem sabendes quem vos quer bem.

Vamos bailar ao sol o fandang, com pandeiratas e gaita de fol.

Gaita, gaitinha, ail leiticeira, gaita, gaitinha que alegre o sol; porque foi feita p'ra moineira é que lhe chamam gaita de fol...

«Ares da raya d' Espanha da raya de Portugal, ungiño rio á montanha o meu berço e meu coval.

O lindo rincón aonde entre um ail e um ololá a minha alminha s' esconde e o corpo reposará.

João Verde

João Verde, poeta raiano, nascido em Monção e autor do livro de versos «Ares da Raya».

A GAITA DE FOLES

A gaita de foles da Escocia é semelhante á gaita galega, em tempo admitida no exercito espanhol como meio salutar na nostalgia dos recrutados da Galiza.

Como o gaéls das matanças da Escocia, que

(Continua na 5.^a página)

des e os maiores escriptores da esplendida epoca dos Quinhentistas.

Teófilo Braga

(¹) Marquez da Santilena, Carta ao Condestavel de Portugal.

O Alto-Minho Turístico

De Monção ao Pêso

Do Prof. Dr. J. A. Pires de Lima

Quem se dirigir, para tratamento, às Águas de Melgaço, atravessa uma das mais belas regiões de Portugal.

Paisagens surpreendentes se estendem à vista dos doentes, em território da raia minhota, tão fértil em monumentos, em lugares de evocação histórica, no meio de gente rude e boa, de intensa tradição folclórica.

O diabético sente-se bem nestes lugares, e a travessia pela bucólica estrada que vai de Monção ao Pêso já o predispõe agradavelmente para receber com êxito os misteriosos benefícios das Águas de Melgaço.

Logo à entrada em Monção, evoca, na Praça de Deus-la-Deu, o feito duma grande heróina portuguesa. E, se acertar de passar por ali por ocasião das festas do Corpo de Deus, terá ensejo para ver o espectáculo do combate contra a Coca, tremendo bicharoco alado, de dentes pontegudos e língua bifurcada.

A luta entre S. Jorge e a Coca chama à Praça de Deus-la-Deu milhares de pessoas, entre as quais se contavam, antes da guerra civil de Espanha, numerosos galegos muito devotos da imagem do gigantesco S. Cristóvão que figura na procissão do Corpo de Deus, e muitos admiradores da ferocíssima Coca, a que chegaram a dar foros de santa, bem como do boi bento e do

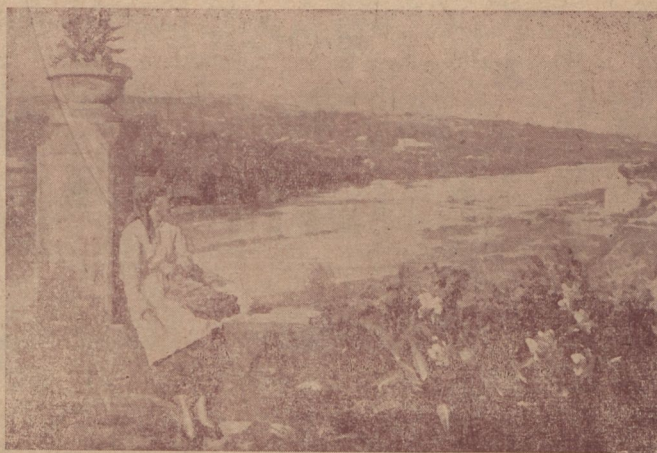
carro das ervas que, por virtude de ordens dimanadas da Autoridade eclesiástica, fazem agora cortejo à parte.

Saindo da vila, logo se divisam, de cá e de lá do rio Minho, sete montes, todos dedicados a Nossa Senhora, no cimo dos quais se encontram capelinhas em que a Virgem é venerada sob diversas invocações. As Senhoras são todas irmãs e vêem-se todas umas às outras, do alto de cada um dos sete outeiros, quer de Portugal, quer da Galiza.

Faz-me recordar a lenda germânica de sete outeiros que se elevam nas margens do Reno.

Quer na encosta portuguesa quer na espanhola, ao longo das acidentadas margens do rio Minho, campos minúsculos de centeio loiro, pronto para a ceifa, de milho a tempo da primeira sacha, leirinhas de linho de um verde líquido, espessos canaviais, onde anualmente se vai buscar o frágil material com que se constroem as latadas, tão baixinhas, que circundam os pequenos campos da região.

Aqui e além, à face da estrada, ou afastados mais ou menos, solares abandonados e às vezes em ruínas, atestam a antiga opulência da lavoura minhota. Entre eles avulta o grande Palácio da Brejoeira, que não deve deixar de ser visitado por quem deambula pelo Alto Minho.



Vista geral de Monção

Outros monumentos merecem ser visitados: os mosteiros de Friestas, de Paderne e de Fiães e ainda outros, onde os amantes de arte e arqueologia têm muito que aprender.

Mas voltemos ao encanto da estrada. As propriedades rústicas são divididas por esteios de granito postos ao alto, encostados uns aos outros. Jorra água por todos os lados e a paisagem é alegrada por longínquos montes verdejantes batidos pelo sol.

Estamos chegados ao Rio Mouro e, de cima da ponte nova, não devemos deixar de contemplar a velha ponte romana junto da qual, no dizer do venerando Fernão Lopes, o nosso Mestre de Aviz teve a primeira entrevista com o seu futuro genro, o Duque de Lencastre. Amontante, vêem-se na figura campos minúsculos, circundados de latadas ras-teirinhas.

Mas retrocedamos um pouco pelo caminho velho, na freguesia de Barbeita.

Em cima de um tóscico muro, encontra-se uma estatueta de granito, com um pau às costas e pintado de diversas cores.

É a estátua de Pedro Macau, cuja lenda me foi assim contada:

No meado do século passado, foi para a Galiza, em busca de trabalho, um pedreiro de grande habilidade, que esteve, na fronteiriça povoação de Las Nieves, ao serviço de um carabineiro muito ruim, que o maltratava constantemente, e que era conhecido por Pedro Macau. O nosso pedreiro, um dia, pôde escapar-se do cativoiro que passava na

Galza e resolveu vingar-se do Macau: esculpiu em pedra a sua grotesca figura, colocou-a em cima do muro da sua propriedade e pôs-lhe por baixo o letreiro seguinte:

*Pedro Macau!
A's costas tem um pau.
Passam por aqui muitos galegos,
Uns de focinho branco e outros de focinho negro, e ninguém o tira deste degredo...*

Este letreiro já desapareceu há muito, mas toda a gente o sabe de cor.

Os galegos não levaram a mal a chalaça do pedreiro. Pelo contrário, antes da guerra civil espanhola, vinham constantemente em peregrinação à estátua de Pedro Macau, pintando a cada ano de cor diversa.

Na minha última visita, o Pedro Macau estava adornado com ramos já secos de giesta florida. O escultor do ruim carabineiro era um pedreiro de raro mérito, que deu origem a uma dinastia de artífices, a família de nome *Tempião*, que ainda hoje possui a propriedade rústica onde se eleva a está-

tua. Na mesma propriedade existe um formosíssimo canastrô em forma de capela, que parece ter sido construído por um dos antepassados da família *Tempião*, talvez o próprio que esculpiu o Pedro Macau.

Tô-las as casas de lavoura desta região, pequenas ou grandes, possuem um canastro, onde guardam as espigas de milho.

Aparecem, às vezes, espigueiros muito lindos, como este, que é em forma de capela, ou como outro, que vi em Melgaço, na estrada de Roussas, lugar da Costa, freguesia de S. Paio.

Este último ostenta na fachada um relógio de sol, por baixo do qual se vê a imagem radiante do astro-rei.

Precisamente no ponto em que o concelho de Monção se continua com o de Melgaço levanta-se à margem da estrada, como marco d visório, o belo cruzeiro.

Conheço mais dois cruzeiros monumentais nesta região: o que fica ao lado

(Continua na 6.ª pag.)



Arco da Rua Direita
Monção



Cruzeiro de Pederne—Melgaço

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Paços, 10

Prégações — Iniciaram-se no dia 4 como preparação para a festa do Sagrado Coração de Jesus, a realizar no p. f. domingo, dia 11, as prégações na Igreja Paroquial desta freguesia.

É orador o Reverendo Frei Leão, cuja palavra fluente tem calado bem fundo no coração de todos os que o hão escutado, até no dos menos crentes.

Na verdade, Frei Leão, com a sua linguagem simples, clara, acessível a todas as mentalidades, sabe penetrar na alma dos seus ouvintes, encaminhando-as para um pouco mais perto de Deus.

Está, portanto, de parabéns o nosso querido Pároco por mais uma vez ter trazido até nós aquele que tão bem nos há orientado para o campo do Bem e da Verdade.

Falecimentos — Faleceu no pretérito dia 5 no lugar da Sobreira com 70 anos de idade, o Sr. José Domingues, funcionário público aposentado. A família enlutada, em especial a seus filhos Carlos e Américo Domingues que se deslocaram a esta freguesia vindos de Lisboa para dizerem o último adeus ao seu querido progenitor, os nossos cumprimentos de sentidas condolências.

Também se finou no lugar de Sá com 74 anos de idade a S.^{ra} Maria Esteves, cunhada do nosso particular amigo Sr. Luiz Esteves, zeloso funcionário do C. T. T. A toda a família os nossos sentidos pesames — C.

Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxofre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazéns, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preço, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

A SAMARITANA

DE

H. J. Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora: Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

S. Gregório Santuário de Santo António de Val de P. Idros

(Cristóval)

COMUNHÃO SOLENE

No passado dia 13 de Maio efectuaram a sua Comunhão Solene as meninas Maria Filomena Sampaio Esteves, filha da Ex.ma Sra. D. Luísa Sampaio Esteves e Dr. Filho Outeiro Esteves e Maria Arminda Lobo Maia, filha da Ex.ma Sra. D. Puresa Pires e José Martins da Costa Lobo Maia.

FALECIMENTO

No lugar da Ferraria, faleceu o Sr. José Domingues, antigo funcionário de Finanças.

A família enlutada os nossos sentidos pesames.

Este santuário, nos confins da freguesia de Ribade Mouro, fica a uns mil e tal metros acima do nível do mar, em plena serra da Peneda, junto da confluência dos limites dos concelhos de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez. A sua remota origem é anterior ao século dezoito.

Tem-se desenvolvido há alguns anos para cá o progresso desta estância montanhosa onde o povo das redondezas accorre a prestar culto ao grande Santo português António de Lisboa.

Ali passaram um fim de semana, em Julho de 1947, os Vicentinos de Melgaço. Por certo que devem recordar com saudade a sua passagem por Val de Poldros.

Já foi divulgado o programa para as festas do corrente ano.

Em 5 de Junho principiou a novena preparatória. Em 11 realiza-se nas proximidades do Santuário uma tradicional feira de gados. Em 12 solenidades especiais em honra de Nossa Senhora Aparecida e em 13 a extraordinária festa de Santo António.

Durante a novena e festejos serão o templo, os quarteis e o recinto iluminado a electricidade,

Sub a presidência de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz realizou-se a festa da

Coroação de Nossa S. de Fátima

S. Gregório - Cristóval A povoação de S. Gregório e o seu pitoresco Monte do Facho foram pequenos para comportar a grande affluencia de espanhóis e portugueses que no passado dia 13 de Maio ali acorreram para assistir à solene festa da Coroação de N. S. de Fátima.

Dentro do programa previamente estabelecido e que aqui foi publicado

na integra decorreram com todo o brilho as solenidades respectivas.

Pelas 10 horas e trinta e no meio dos mais calorosos vãos duma massa compacta de povo e de continuo estralar de foguetes, deu entrada no lugar de S. Gregório o carro de Sua Ex.^a Rev.^{ma} que era precedido por mais cinco automóveis em que seguiram o nosso Rev. Pároco e membros da Commissão bem como o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara, Dr. Elísio Pimenta, Dr. Augusto Esteves, Dr. Fernando Dantas e o Rev. o P.^e Carlos Vaz, arcepreste do concelho.

Em frente à Capelinha de S. Gregório foi S. Ex. Rev.^{ma} cumprimentado pelo clero português e espanhol que ali se encontrava em grande número, tendo depois dado entrada no templo onde se demorou alguns momentos em oração.

Enquanto se organizava a grande peregrinação, o nosso querido Prelado descançou breves minutos em casa da Ex.^{ma} Sr. D. Luísa Viana Esteves, seguindo depois a pé no couce da peregrinação até ao Monte do Facho.

Esta foi na verdade grandiosa, tão grandiosa que excedeu a expectativa de todos, mesmo dos mais otimistas. As freguesias que nela se fizeram representar cumpriram fielmente o seu dever quanto era esperado do seu amor à Santíssima Virgem e do seu carinho pelo nosso Rev. do Pároco e povo desta terra.

Devem estar lhes gratos e estáo certo que no coração de todo o povo de Cristóval os nossos visitantes e amigos deixaram bem vincada a sua passagem não lhes sendo regateados louvores e agradecimentos.

As freguesias espanholas de Arnoia, Padrenda, Distrito e Crespos com os Rev. dos Párcos à frente, em bellissima procissão, do melhor que temos visto, se incorporaram na peregrinação, são dignas dum carinho especial pelo que de sacrificio e amizade representam.

E cantando e rezando lá foram subindo todos até ao alto do Monte do Facho, onde já se encontrava também grande número de Peregrinos.

Deu-se depois início à Missa Solene Campal que foi cantada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Vigário Geral, acolitado pelos Rev. dos Abades da Vila e Chaviães. De mestre de cerimónias serviu o Rev. do P.^e Manuel Lourenço, abade de Fiães.

As diversas cerimónias da missa foram explicadas pelo Rev. P.^e Frei Leão do Santíssimo Sacramento. A

(Continua na 6.^a página)

Paderne, 16

VISITA MINISTERIAL — TRABALHOS AGRÍCOLAS — COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM S. GREGÓRIO — CAMINHOS DO GEAL

Teve a freguesia de Paderne, no passado dia 4, a subida honra de receber a visita do Senhor Ministro das Obras Públicas, que, percorrendo as obras do concelho, que mais urgentemente necessitam de auxílios do Estado, também se dignou vir a Paderne, onde se certificou do estado lastimoso a que chegaram a estrada municipal e Igreja. Pela atitude e boa vontade que S. Ex.^a mostrou em ver as ruínas e todos os recantos deste magnifico templo, deduz

(Continua na 6.^a página)

produzida por motor especialmente adquirido para tal fim.

Conta-se com uma potente instalação sonora para a transmissão dos actos do culto e distração dosromeiros, além de 2 Bandas de música. Reina entusiasmo entre os devotos. — M. B.

(Continua na 6.^a página)

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)

PRADO

MELGAÇO

Mercarias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

A voz do Papa é a voz de Deus

Quando de um congresso eucarístico no Brasil, o Santo Padre Pio XII dirigiu aos congressistas as palavras que se seguem e que são a homenagem à Eucaristia.

Recordá-las no nosso Congresso Eucarístico é bem para termos o Vigário de Cristo mais perto de nós.

O triplice mistério da Eucaristia

A Eucaristia é um triplice mistério: mistério de fé, mistério de amor, mistério de vida. Seja ela para todos e cada um dos brasileiros,—como foi no passado,—fonte caudal de fé pura e operosa, de amor e de união inquebrantável, de vida sincera e integralmente católica.

Mistério de fé. O Sacramento da Eucaristia é mais que nenhum outro, essencialmente, mistério de fé, porque supõe a fé, exercita a fé, aviva a fé, coroa a fé; e porque é o mais seguro penhor e distintivo da verdadeira fé. Foi-o para vossos maiores. Pois não era a viva fé que os animava, quando a notícia de um sacrilégio contra o Santíssimo, cometido em Lisboa, na Capela real, lançava na consternação as populações do Brasil, como se se tratasse de uma calamidade nacional, e logo organizavam procissões de penitência, e as solenidades de reparação e desagravo? E quando mais tarde se viu ameaçada a unidade da pátria e a incolumidade da religião católica, não foi a fé em Jesus Sacramento que deu coragem aos homens de armas para a refrega e para a vitória, e a tantos fieis para abandonar as próprias e todos os seus haveres, até para sacrificarem a vida antes que renegarem a fé? (P. António Vieira, *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal*, Sermões III, 467 SS).

Seja assim também para vós, queridos filhos do católico Brasil. Se alguma hora o erro ou a superstição tentarem ameaçar a vossa fé, roubar-vos a Jesus sacramentado, vós uni-vos mais intimamente a Ele, e armados com a sua força, pois que, como cantou o vosso grande apóstolo, o venerável José de Anchieta,

«E manjar de lutadores, galardão de vencedores esforçados».

(P.e José de Anchieta, *Hino ao SS.º Sacramento*)

resistí, combatei, vancei; conservai intacta a mais preciosa herança que vos legaram vossos antepassados, a fé católica, apostólica, romana.

Mistério de amor e união Na Hóstia divina está concentrado todo o amor infinito do Coração de Jesus, qual se manifes tou nas grande horas da Redenção; pois que a SS.ª Eucaristia é o Cenáculo e o Cálvario dilatados no espaço até aos confins da terra, prolongados no tempo até ao fim dos séculos... E como o amor é união, este amor infinito quer ser união levada até à identidade mística: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele... Como eu vivo em meu Pai e por meu Pai, quem me come, viverá demim e pormim» (Jo. 6, 57-58). Ou como cantava Anchieta:

«Como a vós em vós vivendo vivo em vós a vós comendo doce Amor!».

P.º José de Anchieta, I. c.)

Sirva o culto e a frequente comunhão da divina Eucaristia a fomentar cada vez mais o amor e união com o Coração de Jesus, donde depois transbordem em caridade e união fraterna entre os operários e os patrões; entre os fieis e o clero, entre os súbditos e as autoridades, entre o norte e o sul, entre os cidadãos do mesmo Estado e os Estados entre si, para bem comum de todos, numa só grande família, que é a Pátria brasileira. Mesmo humanamente é a união que faz a força, como a desunião e a ruína. Quanto mais, se fôr primeiro união das almas em Deus, vivificada pelo amor de Jesus Cristo e por Ele cimentada e abençoada!

Nem se limite a união e caridade a promover o bem temporal do próximo; mas procure mais ainda os bens espirituais e eternos, alargando-se a todas as almas remidas com o sangue de Cristo. É magnifico o exemplo de entusiasmo e generosidade que tem dado o Brasil repetidamente no dia das Missões. Espíndola apóstolo da esmola! Mas, impelidos pela cari-

dade de Cristo, sêde também apóstolos do bom exemplo, da oração, do sacrificio, da palavra, da acção, primeiro com os cristãos que não praticam a fé que professam: depois com os infieis, que não conheceram nunca a verdadeira fé Quando



S. S. PIO XII

Portugal e o Brasil formavam ainda uma só nação, valia para ele como para o Império mundial espanhol, ao menos em princípio e segundo a vontade dos Soberanos, o que vos dizia o grande António Vieira: «Nas outras terras uns são ministros no Evangelho e ou-

tros não; mas de Portugal todos são ministros do Evangelho... Ser apóstolo nenhuma coisa é senão ensinar a fé e trazer almas a Cristo; e (no Brasil) ninguém há que não possa e ainda o não deva fazer» *Sermão do Espirito Santo*. Sermões III, 392 ss.). Sêde apóstolos, e então será para vós o mistério de fé também mistério do amor e caridade.

Finalmente **mistério de vida.** «Pão, que dá vida ao mundo», chamou Jesus a Eucaristia e acrescentou: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no ultimo dia» Jo. 6, 33. 35. 35.).

E' pois e sobretudo mistério de vida divina, por que assegura em nós a vida da graça. Oh! quantos mortos, que se julgam vivos e parecem vivos, mas são ataúdes ambulantes, porque perderam a vida divina a que renasceram no baptismo, porque a sua alma está morta neles! Oh! se fosse este um dos frutos de Congresso, que por toda a parte ressurgisse a frequência dos sacra-

mentos, como se viu já em outras épocas, quando eram tão frequentadas mensalmente as Comunhões gerais, e até a Comunhão semanal!

Mas também é mistério de vida física: indirectamente, de vida física temporal, porque fomentando a vida cristã, os bons costumes, preserva de múltiplas enfermidades, que viciam o organismo e atormentam penosamente a existência pecadora;—directamente, de vida física eterna, porque, como Jesus nos assegura, os que o recebem com as devidas disposições, teem certamente a ressurreição gloriosa no último dia: *et ego ressuscitabo eum in novissimo die.*

Benêdito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

Fruto do ventre Sagrado da Vngem Purissima Santa Maria.

De Melgaço à Fátima Impressões de Viagem

Já na véspera, dia 1 de Maio, vieram ficar à Vila os de mais longe; os três de Parada do Monte.

No dia 2, manhã cedo, chegam os mais prontos, os 4 de Cubalhão e o sr. Abade da Gave, transportados no carro do sr. António «Verrador». Por estes ninguém espera.

A's 8 horas, Missa para os Peregrinos, à qual assistem muitos e comungam.

Terminada a Missa e Bênção sente-se o ruído de um carro pesado: E' a camionete de Viana que chega.

Segue para a Calçada, Tudo se dirige para lá: peregrinos e curiosos.

Que linda camionete! Teem sorte! Assim ctoja se bem!

Apesar disso muitos põem difficuldade em ir para trás. Almoço à pressa para estar na Calçada a tempo e dar ordens.

E' preciso que alguém vá atrás e nas cadeirinhas, porque a camionete tem que se encher. Logo os de Cubalhão e Parada com alguns de Rouças e eu fomos para o último compartimento, de 14 lugares.

Muitos não querem ir virados atrás; pois ou eu e não me custa nada. O sr. P.º Campos Lima aceita qualquer lugar. Conheço o chateleur e também as estradas, pois é a 8.ª vez que vai à Fátima. Por isso tem que ir muitas vezes à frente.

Foltem alguns peregrinos.

P.º Justino Domingues

PELA ADMINISTRAÇÃO

Pagaram a assinatura

Pagaram a sua assinatura, o que muito agradecemos, os senhores:

Armando de Magalhães, D. Hilta Gonçalves, Albertina Pereira, Afra Pinheiro, 20\$00; José Alves Monisa (2), 30\$00; José Du-rães, António Cláudio Cardoso, Manuel Antonio Saraiva, Angelo Garcia Vale, Amadeu Domingues, Manuel Gonçalves, José Gonçalves, 20\$00; José dos Santos Parda, Alípio de Castro, António Porfírio Rodrigues, Aurélio R. Barbosa, 30\$00 (já o ano de 1947-48); José Pereira.

Novos assinantes

Inscreeveram-se no número dos nossos assinantes, os Senhores:

Armando de Magalhães, Henrique José Fernandes, José de Jesus Novais, Antonio Manuel Gonçalves, Isalino Reis.

A todos, muito obrigado.

A gaita de foles

(Continuação da 2.ª página)

longe da patria, na America do norte ou nas florestas do Canadá, fala o inglez, mas sonha e sente no dialecto gaëls, é assim o galego entregue aos trabalhos braçaes longe da sua patria, ou nas guarnições militares; as cantigas do Aladla, a Muñnera trazem-lhe a lembrança o ár das suas montanhas: Ayriños de miña terra, que eles aspiram nesse austode saudade, Gary.

Teófilo Braga

III Congresso Internacional dos médicos católicos

Na cidade de Lisboa, de 17 a 23 de Junho, efectua-se o III.º Congresso Internacional dos Médicos Católicos.

O número de inscrtos quer do estrangeiro quer de Portugal é, já, enorme.

Coroação de Nossa S. de Fátima A Voz de Melgaço O Alto-Minho Turístico

(Continuação da 4.ª página)

parte coral esteve a cargo do grupo orquestral de S. Gregório, coadjuvado pelo coro da Acção Católica da amiga freguesia de Arnoia (Espanha) e sob a regência do hábil e já de sobra conhecido amador D. Castor Castello, estando ao harmónio o Rev. P. e António Pereira superior dos R. P. Franciscanos de Orense que gentilmente aqui veio para tal fim.

Cantaram a missa de Pio X, sendo solistas as Ex.ªs Senhoras D. Aurea Amorim, D. Luisa Sampaio Esteves e menina Maria Amorim, Glória Pereira e Maria Pereira, que deixaram naqueles que tiveram a sorte de ouvi-las as melhores impressões.

A massa coral houve-se também com geral agrado, tendo o conjunto tocado as mais agradáveis impressões a S. Ex.ª Rev.ª, que felicitou os componentes e dum modo especial o seu regente. Terminou a Santa Missa, a que o povo assistiu com o maior respeito, procedeu Sua Ex.ª Rev.ª à benção da Coroa de N. S. com o ritual do costume e em seguida à Coroação. Momento indiscutível este. No ar estrelavam loquazes e o povo ébrio de alegria acenava com lenços enquanto o orqueño entoava o Hino da coroação a que a multidão respondia entusiasticamente.

Acalmado um pouco o entusiasmo Sua Ex.ª Rev.ª fez uma brilhante alocução exortando o povo a aumentar cada vez mais a sua devoção a SS. Virgem. Estava terminada a primeira parte deste grande dia. Seguiu-se o almoço a S. Ex. Rev.ª que honrou com a sua presença a casa da Sra D. Luisa Viana Esteves, em S. Gregório.

Pelas 17 horas S. Ex.ª Rev.ª voltou novamente ao Monte do Facho para inaugurar uma lapide de memória de Manuel Trancoso da Silva, iniciador das obras do Santuário em honra de N.ª S.ª de Fátima e assistir à consagração da freguesia à SS. Virgem.

Por motivo de força maior não pôde o Sr. Regedor ler a formula da consagração, o que foi feito pelo Dr. Júlio Outeiro Esteves. Todo o povo de joelhos ia repetindo as palavras da pequena oração.

Finda esta usou da palavra o Rev. Frei Leão que como sempre proferiu peça oratória de grande mérito, deixando a todos os seus ouvintes boas impressões.

Finalmente foi entoado por toda a grande massa de povo o Adeus à Virgem e daí se iniciou a retirada num constante esvoaçar de lenços.

Eram cerca das 19 horas quando Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primoz se retirou do santuário.

A Sua visita, a simpatia e bondade que irradiava do Seu semblante risonho, encantaram toda a gente, portuguesa e espanhola, que dificilmente o esquecerá. Viveram-se na verdade horas altas de fé e entusiasmo a que a nossa terra não estava habituada. Tudo correu bem e todos se portaram bem. Parabens ao nosso querido Pádro, alma incansável de apostolado e grande jornalista desta romagem de devoção à SS. Virgem.

— II —

No sábado, domingo e segunda-feira realizaram-se também as procissões e pregações previstas no programa.

Foi grande o interesse despertado pelas conferências feitas por S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Vigário Geral, tendo a elas assistido não só o povo desta freguesia, como bastante da freguesia de Paços.

As procissões decorreram na melhor ordem e todos os lugares procuraram exceder-se no brilho das ornamentações das ruas, por onde atravessava a

Imagem de N. S. de Fátima. Houve cenas impressionantes de velhinhos a quem a idade não permitiu abandonar os seus lares que choravam de alegria por tão honrosa visita.

PADERNE, 16

(Continuação da 4.ª pág.)

se claramente que o Senhor Ministro não esperava encontrar uma reliquia destas votada ao abandono, o que bastante deve ter sensibilizado a sua consciência de católico.

Oxalá que desta visita algo de bem tenha resultado para a freguesia, mas temos a esperança ou quase a certeza absoluta que S. Ex.ª não se esquecerá de prestar o auxílio necessário para que as obras tenham seguimento, pois isto a continuar assim e não só uma vergonha para a freguesia, como também para a própria Nação, já que se trata dum monumento nacional.

— II —

E' grande a azáfama que vai por toda a freguesia. Os lavradores aproveitando-se do bom tempo apressam-se a sultiar as suas

Nós vos saudamos

(Continuação da 1.ª pág.)

Distrito. A presença de Sua Ex.ª o sr. Governador Civil à festa eucarística de Melgaço é o simbolo das Autoridades da Nação que há 8 séculos prestam as mais leais das suas homenagens ao Deus da Vida, ao Senhor, Imortal dos Séculos.

Para Sua Ex.ª as nossas saudações.

Gente da serra, da encosta e da ribeira — a nossa gente de Melgaço — está alérra para marcar a sua presença de fé e de amor à Eucaristia, na nossa vila.

«A Voz de Melgaço» a todos dirige a mesma saudação:

«Amigos entrai, porque a casa é vossa».

Vende-se hoje avulso

na Vila

C DA N.º CUSTA \$50

vinhas e a lavrar os campos para as sementeiras do milho e feijão.

Os batatas, a pesar do escarvalho nada representa desde que o povo não ajude com o seu trabalho. Já o ano passado, com a ceirba de 3.000\$00, se poderia e devia ter feito mais um bocadinho, mas julgamos que a Câmara tem obrigação de custear todas as despesas e depois não falta quem barajuste que temos caminhos muas, estradas intransitáveis, etc.

Onde todos trabalham nada custa e por isso aproveite-se certa oportunidade, para que as verbas que a Câmara concede não se astinam só a um caminho, pois há por aí tantos, tantos em tão más condições ou até piores bastante do que o do Geal. Os caminhos da freguesia não se resumem só naquele que vai da Portela ao Pêso.

IDEM, 20

IGREJA DE PADERNE

Estamos de parabéns!!! A visita do sr. Ministro das Obras Públicas a esta localidade já produziu magníficos resultados. Ontem pelas 16 horas chegou a Paderne o sr. António Ferreira da Silva natural de Grijó, concelho de Vila Nova de Gaia, para dirigir as obras da nossa Igreja, que vão começar imediatamente. Após o sr. Ferreira da Silva, chegaram também o sr. Arquieta Reis, chefe da 2.ª Secção dos Monumentos Nacionais, com sede no Porto, e o Empreiteiro sr. Manuel Ferreira Morango.

Estes, depois dum exame minucioso a todas as dependências do Templo, deram ordens ao sr. Ferreira da Silva para iniciar os trabalhos de aquisição de madeiras, que só poderão ser de carvalho ou castanho, e chamada de artistas.

O sr. Ferreira da Silva está hospedado em casa das irmãs Maria e Claudina Gomes de Sousa (Cantoneiras).

Até que enjâm... agora vai! Mais uma vez fica demonstrado que os homens que dirigem a Barca do Estado Novo procuram atender, na medida do possível, às necessidades de cada região.

E assim também se calarão aqueles derrotistas que, em conversas insidiosas dizem que nunca seria possível conseguir-se trazer cá o Senhor Ministro e depois da vinda afirmavam que havia de chover e ventar muitos anos antes que as obras tivessem início! Graças a Deus que os homens de bem e de acção ainda se não acabaram de todo em Melgaço! — C.

Lêde, propagai e assinaí A Voz de Melgaço

(Continuação da 3.ª pág.)

da capela de S. Julião, na vila de Melgaço, e o que se levanta em frente da bela capelinha românica da Senhora da Orada, recentemente restaurada, que podemos admirar numa curva da encantadora estrada que vai de Melgaço para S. Gregório.

Mas regressemos ao nosso destino e continuemos em direcção às Aguas de Melgaço.

Chegamos ao lugar do Pêso, freguesia de Paderne, onde se encontram os hotéis.

Logo a seguir, o Parque das Aguas de Melgaço, coberto de centenas de frondosas tlias, cujas flores, pelo S. João, perfumam a atmosfera, e cortado de dois graciosos ribeirinhos.

Em frente da entrada do Parque, do outro lado da estrada, numa pequena elevação do terreno, er-

gue-se esbelto um frondoso sobreiro, de tão elegantes ramarias, que bem merecedor é de ser catalogado, pelo Ministério da Agricultura, entre as árvores notáveis do nosso País.

E, olhando em frente da estrada, para a esquerda, vê-se, batida pelo sol, a altaneira torre de menagem do Castelo de Melgaço, fortemente recortada num fundo glauco de pinheirais distantes.

Ali se deu, como refere o Conde de Sabugosa, o combate singular entre a boa portuguesa Inês Negra e uma arrenegada que era por Castela.

Quem tiver a felicidade de dar este passeio, mesmo sem ser diabético, convencer-se-á que muita razão tinha o Poeta, quando chamou a Portugal

«Jardim da Europa à beira mar plantado»

(Da «Renasença», Ano X n.º 227)

o nosso primeiro aniversário

(Continuação da 1.ª pág.)

de à cama dos doentes para, ainda com o seu sofrimento, mais e melhor nos prestar ajuda.

Na residência Paroquial de Melgaço está a Administração de «A Voz de Melgaço».

bom povo de Melgaço o acolhimento gentil que nos prestou; ao clero e professorado a dedicação com que nos auxiliaram; às autoridades, a muita estima com que nos trataram.

* * *

Vamos entrar no segundo ano. Somos muito novos. «A Voz de Melgaço» continua o programa traçado, saúda o seu colega local «Notícias de Melgaço» e envia, a todos os seus assinantes e anunciantes, as saudações amigas, tecidas de respeito e gratidão.

JÚLIO VAZ



Padre Júlio Vaz

O trabalho do P. e Justino Domingues tem sido tão perseverante e tão perfeito!

Neste primeiro aniversário de «A Voz de Melgaço» agradecemos ao

A imprensa e o nosso Congresso

A imprensa tem sido pródiga em referências ao nosso Congresso. Temos presentes as notícias dos seguintes jornais: «Novidades», «Comércio do Porto», «Diário do Minho», «Notícias de Viana», «Mihoto» e «Jornal de Monção».

Director e Administrador: P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga A VENZA

Chefe da Redacção e Editor: Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00 ANO II

MELGAÇO, 1 de Junho de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA N.º 10

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

O Congresso Eucarístico de Melgaço

foi um facho de luz que iluminou todo o Vale do Minho

Fé e amor à Eucaristia; entusiasmo e júbilo da nossa gente

Já vão decorridos quase quinze dias sobre o memorável acontecimento religioso—o Congresso Eucarístico de Melgaço—que galvanizou a nossa terra, que despertou todos os melgacenses—ainda os que estão dispersos pelo estrangeiro—e impressionou quantos julgavam ser o Alto Minho terra de fé amortecida. Enganaram-se.

Dizemo-lo com orgulho, de cabeça levantada e com júbilo.

A imprensa referiu-se ao soleníssimo Congresso Eucarístico com simpatia e com interesse.

De Braga, Viana, Arcos, Barca, Monção, Valença, Paredes de Coura, Caminha, Vila Verde, de toda a Arquidiocese e, até, da Galiza, vieram a Melgaço, inúmeros congressistas ver e julgar o que aqui se passava. E foram poucos—poucos os incrédulos—que, à semelhança dos emissários de João Baptista, viram esta maravilha—maravilha eucarística—e creram no trabalho sério e profundo do nosso clero e creram na fé ardente desta gente simples mas heroica e perseverante.

Os que supuseram ser o nosso Congresso, apenas, fogo de vista no dia 31 de Maio e 1 de Junho, esclareceram-se, dizendo que o programa de actividade eucarística durou um ano inteiro, assim distribuído:

- 1) missões em todas as freguesias
 - 2) conferências de cultura superior religiosa no teatro da Vila
 - 3) reuniões de estudo do clero, em três dias consecutivos.
- E, depois de todo isto, a grande jornada, a jornada eucarística.

Preparativos da grande jornada

No dia 31, à tarde, en-
tarva, triunfalmente, nes-

ta Vila, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz, Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} os Senhores Bispos do Pôrto e de Limira que eram aguardados pelos Presidentes das Câmaras do nosso Distrito e por todos os Arciprestes do mesmo Distrito.

Senhores Bispos do Pôrto, e de Limira. Esperavamos os srs. Governador Civil do Distrito, Vigário Geral, Director do Distrito Escolar e seu Delegado neste concelho, autoridades civis e militares do mesmo. Juventude Católica e quasi toda a popu-

dos na mesma ansia de amor a Jesus Sacramento—nunca os povos, dizia, desta terra raiana, sentinela atenta frente a Espanha, os primeiros de Portugal na fé de cristãos e na dedicação à Pátria, viveram horas de mais intenso júbilo, de mais ter

nosso primeiro hóspede de honra.

As nossas portas esteve el-rei D. João I e muitos re seus sucessores

Altas dignidades da Igreja repousaram nos ricos mosteiros de Fiães e de Padern e no humilde convento dos capuchos, hoje ru nas confrangedoras, a atestar épocas em que a liberdade destruiu as liberdades tradicionais as Nações.

Ainda não há muitos anos Melgaço recebeu triunfalmente a pessoa ilustre do actual chefe do Estado e há dois anos apenas acolheu com flores o chefe do Distrito.

Nunca, porém, como hoje, repito, houve mais sinceridade nos nossos sentimentos, vibração nas nossas manifestações, calor nos nossos corações.

Recebemos a Deus?

Não. Deus vive permanentemente nas nossas almas

Estamos, sim, homenagem pública, ostensivas a Deus Sacramento, dizemos bem alto da nossa catolicidade, gritamos para que nos ouçam que Cristo reina em Melgaço.

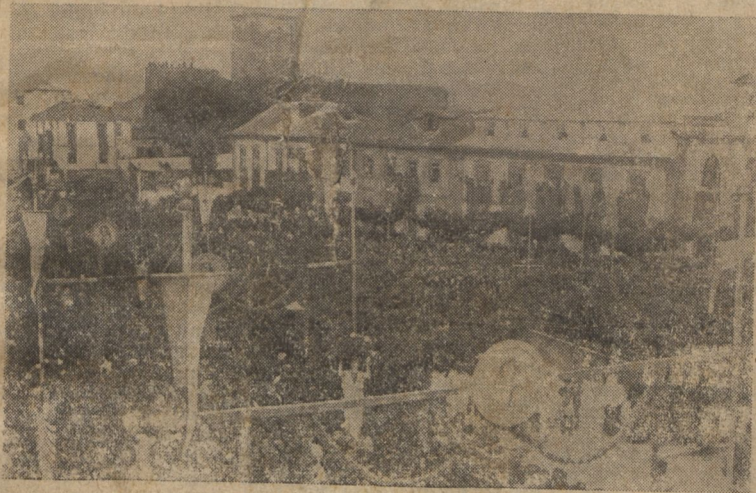
Recebemos, sim a V. Ex.^{as} Rev.^{mas} com as maiores honras de que podemos dispor, o nosso coração aberto em quem vivem em nome do Senhor.

Recebemos o nosso Prelado, ao nosso Pastor, sempre atento, sempre atento às necessidades espirituais das suas ovelhas, que tanto tem distinguido esta terra de Melgaço.

Ainda há dias tive a honra e a grata oportunidade de afirmar a V. Ex.^a Rev.^{ma} que o dia em que o vimos entre nós era um dia de alegria, a alegria que os filhos vestem quando se vem junto do Pai.

E não esqueçemo o carinho que V. Ex.^a Rev.^{ma} dedicou aquela festazinha—que digão aquela festa grande, mui-

Afonso Henriques foi o (Continua na 2.a pág.)



Um palácio da Vila de Melgaço que foi o Congresso Eucarístico de Melgaço. A Praça da República agitou com milhares de peregrinos

A bela representação distrital!

«Na Ponte da Barca estão a esperar o Primaz das Espanhas os srs. Arcipreste, Presidente da Câmara, Vigário Geral e Chefe da Alfandega e vinte e cinco automóveis com os elementos mais representativos.

E o luso cortejo segue, estrada fóra, Arcos a Monção.

Em Penso está preparada da carinhosa recepção. E Melgaço que recebe com fidalguia. Fala com o cronista, em toda a sua sin-geleza, o coração do nosso correspondente naque-la freguesia:

Demorou-se hoje alguns momentos nesta freguesia que se encontrava ainda mente ornamentada com arcos e colgaduras nas sacadas. Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz que vinha acompanhado de Sua Ex.^a Rev.^{ma} os

lação da freguesia. Pela mente espiritualidade do menina Maria Luiza Vaz, que aquelas por que es-da J. A. C. F., numa pri-tamos a passar em luvor de Deus.

Orgulhámo nos de ter recebido reis e chefes de Estado, ministros e altas herarquias, homens de letras e de ciências, p tentados do Mndo.

Orgulhámo-nos do interresse que em todos eles despertaram as nossas paisagens sem par valentia dos nossos homens e a virtude das nossas mulheres, a riqueza dos nossos gados, a fecundidade dos nossos campos, a humildade crista do nosso viver.

Não lhes regateamos honras, pelas honras que nos deram

As muralhas velhinhas do nosso castelo medieval, marco fronteiriço da Pátria, ai está a atestar que Melgaço foi dos portugueses; antes de haver Portugal.

Orgulhámo nos de ter recebido reis e chefes de Estado, ministros e altas herarquias, homens de letras e de ciências, p tentados do Mndo.

Orgulhámo-nos do interresse que em todos eles despertaram as nossas paisagens sem par valentia dos nossos homens e a virtude das nossas mulheres, a riqueza dos nossos gados, a fecundidade dos nossos campos, a humildade crista do nosso viver.

Não lhes regateamos honras, pelas honras que nos deram

As muralhas velhinhas do nosso castelo medieval, marco fronteiriço da Pátria, ai está a atestar que Melgaço foi dos portugueses; antes de haver Portugal.

Afonso Henriques foi o

O Congresso Eucarístico de Melgaço

(Continuação da 1.ª pág.) Primaz ao nosso conce-
lho.

to grande mesmo, por quem honrávamos, a Virgem de Fátima e pela sua projecção no alto Minho e nas terras amigas da Galiza.

E não nos esquecemos que V. Ex.ª Rev. quis subir ao Facho, por chão pedregoso e sob os dardos de um sol abrasador — que o calor da fé na Virgem Santíssima me não de xava sentir.

Não nos esquecemos hoje que se esta grande Festa Eucarística se pôde jealizar isso se deve ao auxílio material e espiritual dispensado por V. Ex.ª Rev. e s-m o qual ela era impossível.

Motivos de sobra, como católicos e melgacenses, para lhe manifestarmos a nossa mais viva e intensa gratidão.

Falo em nome de todos os Melgacenses e como seu legítimo representante.

Falo como representante da autoridade civil, daquela autoridade que não pode limitar-se a ser guardada das legítimas liberdades do povo, defensores dos seus bens, respeitadores das suas crenças, protectores dos humildes contra a prepotência dos poderosos e zeladores do património material e espiritual da colectividade.

Tem de ser mais alguma coisa.

Tem de ser em todos os lugares, sem respeitos humanos, a constante, a permanente mantenedora da Realeza de Cristo.

Nesta vida transitória, onde o espírito do mal todos os dias redobra de esforço para atingir os seus diabólicos fins, torna-se necessário para vencer que seja a autoridade civil a primeira a afirmar sempre a supremacia do essencial e do eterno, sobre o acessório e o temporário.

Com a afirmação de colectividade que este Congresso Eucarístico representa vai o meu conceito, pela minha humilde voz, consagrar-se ao Imaculado Coração de Maria.

Assim se procura, pela parte que nos toca, ancorar à terra o grão de mostarda, que levado pelo vento da renovação espiritual e religiosa que sopra há algum tempo em Melgaço há de crescer e produzir abundantes e bons frutos, em louvor de Deus.

Benvindo seja V. Ex.ª Rev.ª Senhor Arcebispo

que vem ajoelhar junto da Santíssima Eucaristia, que é fanal de luz, braseiro e fornalha de amor...

Melgaço veste hoje suas melhores galas para Lhe render suas filiais homenagens.

E agora, que devo fazer?

Agradeço, como hospede, a carinhosa recepção? Aplaudo, como cristão e português?

Felicito, como Prelado? Resumirei todos estes três sentimentos que enchem a alma, numa só saudação, à portuguesa:

— Viva Melgaço!

— Viva Portugal!

Começou o ilustre Prelado por citar o conceito bem expressivo: — Portugal, «jardim da Europa à beira mar plantado». Mas, sendo assim, podemos assegurar que o Minho é o seu melhor canteiro, e o Alto Minho a sua mais linda flor.

Fazem daqui os Anjos — continua o Prelado — a sua mansão avorita quando no carro do firmamento dão a volta ao mundo, como escreveu o doce poeta de Belinho:

«Ai, Anjos lindos! Ai Anjos!

Como alongam o caminho: Como voam e revoam Quando o céu dá volta ao Minho.»

Portugal é uma «Bíblia» aberta, um livro sagrado de oração, na frase do mesmo poeta: o Minho a sua página mais bela: as suas montanhas lembram aos minhos: o Monte Sinai, donde Deus falou aos homens e ditou a sua lei; o monte no deserto onde sofreu a tentação do demónio; o monte Carmel donde o profeta divisou a Virgem; o Tabor; o Calvário; o Sion...

E, integrando-se no tema fundamental da reunião, Sua Ex.ª Rev.ª convida o a entoar os louvores da Eucaristia: «Lauda, Sion, Salvatorem».

As águas abundosas e optimas bem podem também lembrar lhas o baptismo e a graça

Refere-se depois o venerando Antistite a outras páginas de Melgaço, mais humana história, mas sempre brilhante, citando os seus mosteiros de Paderne, Fiães, e Vila, o Santuário da Orada... as suas muralhas e o seu castelo...

São estas ruínas? Corpo sem alma? Soss dispersos, como aqueles de que fala o Profeta?

Oh, não, — prossegue a reencarnação há de fazer-se pela geração nova

que vem ajoelhar junto da Santíssima Eucaristia, que é fanal de luz, braseiro e fornalha de amor...

Melgaço veste hoje suas melhores galas para Lhe render suas filiais homenagens.

E agora, que devo fazer?

Agradeço, como hospede, a carinhosa recepção? Aplaudo, como cristão e português?

Felicito, como Prelado? Resumirei todos estes três sentimentos que enchem a alma, numa só saudação, à portuguesa:

— Viva Melgaço!

— Viva Portugal!

Pelas 22 horas effectou-se a sessão solene do Congresso no teatro.

Presidiu o Sr. Arcebispo Primaz, rodeado de Sua Ex.ª o Sr. Governador Cível, dos Bispos presentes e das autoridades.

O povo não cabe e aglomera-se nas ruas, para onde os alto-falantes transmitem os discursos dos oradores da noite.

Falou primeiramente, o Sr. Arcebispo, de Melgaço, para fazer a história do Congresso e apresentar os oradores.

O Dr. Luiz de Pina, catedrático de medicina e Presidente da Câmara do Porto não pode comparecer por, no dia 1, ter de, em Lisboa, falar, em nome dos Municípios, na saudação ao Presidente da Câmara de Lisboa, cuja cidade celebra o oitavo centenário da conquista aos mouros.

Fala o P.e Domingos Gonçalves e escolhe o tema dogmático da eucaristia.

Falou o Dr. Querubim Guimarães, de Aveiro, deputado, e o seu discurso é apologético.

Após a sessão solene, organiza-se a procissão das velas.

A hora é de esplendor das almas. Apaga-se a luz eléctrica um luar acariador inunda o vale e Melgaço que se assemelha a um varandim, de onde se desfruta panorama encantador, oferece, nesta noite de luzes e de encantamento, espectáculo surpreendente.

Arde, no alto da Torre de Menagem, grandiosa cruz que domina o vale do Minho. Nos altos dos montes ardem fogueiras na encosta, em todas as ca-

sas e, em todos os lugares, há luz, ardem velas, rezam almas e os velinhos espreitam o mar de luzes que ondeia nas ruas da vila. Númeroosa multidão enche a vila.

Perfeitamente organizada a procissão das velas já se distende pela Praça da República.

Reza-se em coro, os cânticos enchem o espaço; não há indiferentes: todos, absolutamente todos, devotamente, se incorporaram na procissão das velas.

O imenso vale do Minho, desde S. Gregório à Cidade de Tuy, presencia o movimento de luz e luz das almas, luz da fé — em terra de Melgaço, terra

de fé, e de crença sólida,

Lá no alto, — torção desmoronada e antiga sentinela da Pátria — no Castelo de Castro Laboreiro, também ardem fogueiras.

É o alerta de toda a gente nesta noite de vigília.

Vai alta a noite e ouvem-se, ainda as vozes dos ranchos que regressam aos seus lares.

Vão em grupo: cantam os seus cânticos marianos e rezam o terço.

E no alfo dos montes, nas janelas das casas continuam acesas as velas.

E no alto do Castelo arde a Cruz da Fé..

Sessão Solene e procissão de velas

A grande jornada

O dia 1 de Junho é o dia da grande jornada eucarística.

Manhã cedinho: descem da serra e sobem do vale numerosos grupos de crianças com os seus distintivos da Cruzada Eucarística das Crianças.

O movimento é desusado.

Saimos de Braga às 8 horas da manhã. Encontramos numerosos carros ligeiros, muitas caminhetas, muita gente a pé, um sem numero de congressistas que se dirigem para a Vila de Melgaço.

E a vila às 10 horas está coalhada de gente.

Às 8 horas o Ex.ª Rev.ª Senhor Bispo de Limira celebrara a missa para as crianças da catequese e povo. Era a comunhão geral.

Encontro o sr. Prior de Paderne e pergunto:

— Sr. Prior, como tem corrido isto?

— Muito bem, responde-me o Sr. Prior.

Imagine, continua, que as partículas não chegaram.

— Graças a Deus, respondendo! Era a melhor homenagem à eucaristia.

O solene Pontifical

Às 10,30 horas vai começar o solene Pontifical, celebrado por Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz.

Estão presentes os Bispos do Porto e de Limira, o Governador Civil, o Vigário Geral de Tuy, Cônegos desta cidade, e a Praça da República está repleta de gente.

Há que registar a pre-

sença do cabido — não falta o único capitular — da Sacrossanta Basílica Primacial de Braga, onde há personalidades de invulgar cultura como o historiador Dr. João Lourenço Insuaes, Arceidiogo da Sé, e o Arqueólogo Aguiar Barreiros. Também estão presentes os Cônegos Costa Azevedo e Mouta Reis, reitores dos Seminários Arquidiocesanos.

Os restantes capitulares são professores do nosso Seminário Superior.

Luzida representação e extraordinário carinho pela nossa terra são as qualidades que adornam o insigne cabido da nossa Catedral.

Não pode Melgaço esquecer este facto. No fim do Pontifical! o Sr. Arcebispo Primaz falou, cheio de contentamento, para saudar os presentes e os convivas a louvar a Deus, neste rincão abençoado onde a natureza tão bem louva o Criador.

Jantar no Peso

Dos momentos culminantes deste dia damos lugar ao «Diário do Minho» que assim os relatou:

«O almoço decorreu num ambiente magnífico. Queremos salientar os brindes.

O primeiro a falar foi o sr. Dr. Elísio Pimenta, muito digno presidente da Câmara.

Nada se lhe devia, afirmou — neste momento ouvem-se. — Não apciados de

(Continua na 3.ª pág.)

O Congresso Eucarístico de Melgaço

(Continuação da 2.ª pág.)

todos os cantos da sala...
— A Câmara apenas tinha de cumprir com o seu dever. Representando um concelho profundamente católico, força lhe era colaborar com entusiasmo na ideia e dar-lhe o maior impulso.

O êxito do congresso deve-se a outrem, que trouxe ao concelho uma renovação espiritual e religiosa, um como espírito novo e empreendedor. Todos sabem que me refiro ao sr. P.º Carlos Vaz, muito digno arcepreste.

Agradece ao Senhor Arcebispo Primaz, aos Senhores Bispos do Pôrto e Limira, ao Governador Civil, ao Vigário Geral de Tuy, aos oradores srs. P.º Domingos Gonçalves e Dr. Querubim Guimarães, aos Irmãos de Espanha, Consul daquela nação em Valença e Alcaide de Arbo, bem como o Inspector da Policia desta última localidade.

Fala o sr. P.º Carlos Vaz

O povo do Alto Minho vibra, quando se fala de Cristo Rei, de Jesus na Eucaristia.

Agradece a Sua Ex.ª Rev.ª a honra de ter escolhido Melgaço como região onde deviam ter início os Congressos Regionais que o Senhor Arcebispo Primaz deseja se promovam em todos os concelhos. Refere-se à festa de há dias em S. Gregório, preparação e ensaio desta. Agradece aos Senhores Bispos do Pôrto e de Limira o estarem presentes. Nós, o clero das aldeias, precisamos que V. Ex.ªs Rev.ªs com a sua presença, exemplo, virtude e saber nos façam cristandade.

Agradece ao sr. Governador Civil que estimulou ao máximo o empreendimento desde a primeira hora.

Agradece aos professores do concelho, na pessoa do sr. Delegado Escolar, a colaboração dispensada. Sem eles, não seria possível o êxito do congresso, nomeadamente a missa das crianças.

Destaca a acção do sr. Director Escolar, ali presente e do Delegado em Melgaço, que tanto ajudaram a Comissão.

Agradece o estímulo recebido e o carinho dos Senhores Bispos de Tuy e de Orense. Ao primeiro deve a gentileza de mandar sua

extremosa mãe, ali presente.

Salienta a acção de quantos o ajudaram, nomeadamente a do sr. Presidente da Câmara e do sr. Dr. Júlio Esteves.

O sr. Dr. Elísio Pimenta dissera-lhe, há anos; — Para diante! E' necessário consagrarmos o concelho a Nossa Senhora.

Tenho sido obrigado a um silêncio injusto, diz o Sr. Governador Civil

Tenho-me visto forçado a guardar silêncio desde ontem—injusto e duro, ia a dizer... e é com alegria que falo neste momento. Queria salientar a alegria com que assisti a este congresso. Nasci no Minho e honro-me de ser católico. Como autoridade do distrito, vejo que ele é todo católico e, sendo realista, tenho de conduzir-me de harmonia com esse imperativo de ordem prática.

Nesta ordem de ideias, continuou S. Ex.ª que foi felicíssimo, felicitando o Sr. Presidente da Câmara de Melgaço por ter compreendido qual o seu dever como presidente dum município do Estado Novo.

Elogiou o sr. Arcipreste que conhecia desde Vila do Conde.

A actividade desenvolvida em Melgaço era apenas a realização das virtudes e qualidades manifestadas naquela vila.

Terminou saudando S. Ex.ª Rev.ª o S. Arcebispo Primaz, cujas virtudes pôs em relevo e disse que não era hóspede em Melgaço e sim Senhor espiritual daqueles povos. Estava num distrito cuja séde não era a da séde do arcebispado, entretanto era domínio espiritual seu e ninguém pensava em arrebatar-lho.

Temos que aprender aqui Vamos satisfeitos

O Sr. Bispo do Porto afirmou que veio com prazer ao congresso. Na arquidiocese viveu e trabalhou. Conhece o Alto Minho. Foi companheiro do Sr. Arcebispo. Admira a arquidiocese. Por todas essas razões viria com gosto. Mas também desejava tomar parte numa jornada que foi gloriosa em honra de Jesus sacramentado.

Nós, os Bispos, partimos

contentes, Temos muito que aprender aqui. Se em Melgaço, com dificuldade de comunicações e no extremo norte, foi possível realizar um congresso desta ordem e esplendor, por que não havemos de fazer algo de parecido nas nossas dioceses?

S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz fecha a série de brindes

O Sr. D. António Bento Martins Junior levantou-se para felicitar os promotores e para agradecer aos que deram brilho àquela manifestação de amor a Jesus Hóstia.

Saudou os srs. Bispos presentes, agradeceu-lhes o terem vindo ali — um com todo o prestígio da sua ciência e virtude, com o brilho da sua diocese, que engrandece com seus méritos pessoais. S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo do Porto; outro com os trabalhos apostólicos de Africa.

Agradece as palavras e a presença do Sr. Governador Civil do distrito de Viana, que elogia na s suas qualidades pessoais e no prestígio que sabe dar à função de governo, que desempenha.

Louva e agradece ao Sr. Vigário Geral de Tuy, faz um rasgado elogio ao Sr. Bispo daquela diocese; agradece a presença do Cabido; a colaboração do Seminário, vindo a uma terra que conta ao presente 24 seminaristas.

Agradece a presença do Presidente da Câmara e aos municípes destacando o facto de ele ter realizado o pensamento de colaboração entre a autoridade civil e eclesiástica, mostrando como da colodoração íntima de ambos os poderes só resulta o progresso e o bem para as populações. Louva e felicita o clero de Melgaço e o rev.do arcepreste, justamente elogiado pelo Sr. Presidente da Câmara e que em tão boa hora regressou à terra natal.

A procissão é um acto colectivo, em que todos rezam e cantam

A's 17 horas, começou a desfilar a procissão eucarística, a qual saíria da capela românica da Senhora da Orada para a Vila.

A tarde estava maravilhosa. As freguesias orga-

nizaram-se, independentemente, e por ordem alfabética. E, para facilitar esta organização, colocaram-se vistosas taboetas, ao largo da Estrada Melgaço—S. Gregório, para além da Senhora da Orada.

Os reverendos parocos que zelosamente se sacrificaram pelo êxito do Congresso, tiveram, todos, a maior responsabilidade desta organização. Lá estavam eles à frente dos seus paroquianos, com as organizações de piedade ou a A. C. aguardando a saída da procissão eucarística.

A pé e por entre a multidão que se ajoelha, respeitosamente, e o aclama, com delírio, passa o Sr. Arcebispo Primaz, que vai paramentar-se.

Já os insignes capitulares da nossa sacrossanta Basilica Primacial estão

paramentados.

E começa a procissão a desfilar.

A hora é admirável de sol e de luz. O cenário grandioso.

Com um céu azul, vê-se o rio Minho a deslizar, mansamente, o vale extenso, cheio de matizes e do verde das culturas, estrealjam foguetes no ar, ouvem-se os acordes da Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, ainda nos deleitam as vozes maravilhosas da bellissima coral, do nosso Seminário Conciliar, sob a regência do P.º Alberto Braz, Saindo da Capela românica da Orada, o trajeto da procissão abarcava um dos recantos mais lindos de todo o Alto Minho e, antes de se concentrar, na Praça da República, dava a volta ao histórico Cas-

(Continua na 4.ª página)

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Madores, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas— A máxima seriedade nas suas transacções.

O CONGRESSO EUCARISTICO DE MELGAÇO

Continuação da 3.ª pag.)

telo de Melgaço, à esbelta Torre de Menagem.

São milhares e milhares de pessoas que se incorporam na procissão e todas cantam e rezem. Há muita ordem, extraordinário respeito e fé intensa. Causa espanto e admiração um nutrido grupo de lavradores, com enxada aos ombros e o seu dig.º pároco, à frente, o P. Manuel António Bernardo, de Riba de Mouro. É a terra crente que presta as suas homenagens à Eucaristia, é a realidade viva da boa e cristianíssima gente do Alto Minho. As freguesias seguem-se, umas as outras por ordem alfabética, sempre a cantar e sempre a rezar. Crianças, novos e velhos, mulheres e crianças tudo se incorporou na procissão.

Algumas representações de fora

Os congressistas, os que não eram do Concelho, tem o seu lugar na procissão. Nada foi esquecido. E lá vai o P. Tavares, de Covas, Cerveira, com os seus paroquianos; lá se vê o P. Vilela, da Lage, Anares, com volumosa representação da paróquia. E seguem as insignias da nossa Sacrossanta Basílica, muito clero, de sobrepele, o cabido, o paleo e sob ele a Sagrada Custódia nas mãos do Primaz das Espanhas. A's varas pegam os doutores católicos de Melgaço e, às lanternas, os professores do Concelho.

Atrás do paleo, vão os Srs. Bispos do Porto e de Limira, as autoridades, destacando-se o Dr. Querubim Guimarães, deputado, e os presidentes das Câmaras. Vem em seguida os dirige tes Arquidiocesanos da J.C.; engenheiros agrónomos António de Lacerda e João Vasconcelos e o Dr. Loureiro Amorim.

Logo seguia a Banda, e muito povo.

Momentos inolvidáveis: a bênção, a consagração, a despedida...

No altar que se erguia

na praça da República foi colocada a Sagrada Hostia.

Neste momento, o Dr. Elísio Pimenta, Presidente da Câmara Municipal faz a consagração do Concelho ao Coração Imaculado de Maria. Bela e tocante consagração, lida admiravelmente e vivida por todos os melgacenses.

Com todo o esplendor litúrgico é dada a bênção do Santíssimo Sacramento.

Antes do P.º Domingos Gonçalves, que ao microfone deu à imensa multidão o sentido colectivo dos seus movimentos de fé para a divina Eucaristia, fez uma exortação inflamada, entusiasta e vibrante sobre o Santíssimo Sacramento.

Todo o povo canta. E ao recolher do Santíssimo Sacramento ouvem-se os vivas da multidão, o adeus dos peregrinos, as saudações dos estrangeiros.

A Espanha está presente

Está, ali, com numerosa representação de A. C. um pároco de Vigo. Dirige-se ao alto falante e, em palavras de grande e rara oratória, presta as suas homenagens, a homenagem dos seus paroquianos, do Minho de além rio, à Eucaristia.

O orador inflama-se e ergue vivas à S. Eucaristia e a Portugal.

O Arcipreste de Melgaço, ao alto falante, solta vivas à Espanha católica e a multidão delira com entusiasmo.

E os peregrinos espanhóis cantam o hino da A. C. espanhola.

A coral do Seminário canta hinos, cheios de ternura e maviosidade.

E todos os peregrinos espanhóis beijam o anel do nosso Ex.º Prelado.

For entre aclamações e o entusiasmo da gente, aclamações e entusiasmo com que os nossos seminaristas contagiaram aquela hora de saudade—a hora da despedida—retiram-se os Srs. Bispos e a multidão começou a cebar dar.

E no Alto Minho, na vila mais nortenha de Portugal findavam as home-

nagens que o povo raiano, em Congresso, desejava prestar à Santíssima Eucaristia.

Com sol a apagar-se e com o descer das sombras do velho castelo que presenciou os actos mais sentidos de fé das últimas décadas, ouve-se o roncar

dos motores dos automóveis e das camionetas.

É o regresso ao lar. Sobem as encostas da serra, as populações do alto; calcorreia a estrada, gente da ribeira. E o fragor dos motores distancia-se cada vez mais.

No céu de Melgaço, ao

cair da noite, ficava o perfume da graça do céu e as bênçãos da Eucaristia...

Linda jornada de fé... Belo espectáculo de amor, o Congresso Eucarístico de Melgaço...

Écos do Congresso

Homenagem do clero

Com uma falta, apenas, todo o clero do nosso Concelho que trabalha, fóra da nossa terra, esteve presente ao Congresso Eucarístico.

Longe da vista e perto do coração...

«A minha gratidão»

Do Rev.º Arcipreste. P.º Carlos Vaz, recebemos um artigo, intitulado «A minha gratidão» que não publicamos por falta de espaço.

Que nos desculpe.

Telegramas

Dos muitos telegramas, recebidos no dia 1 de Junho, a propósito do nosso Congresso, há a registar dois, sobremaneira importantes: o do P.º Armando Tito Domingues, sacerdote Melgacense, em serviço no Rio de Janeiro, e o do Dr. João da Rocha Páris, deputado do nosso Distrito e Presidente da Câmara de Viana do Castelo que não pôde comparecer por estar doente.

Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaías agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxofre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazéns, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

Desejamos a Sua Ex.ª prontas melhoras.

O Brasil esteve conosco

De todas as lembranças recebidas, temos de destacar a de um ilustre melgacense, residente em Belém, Brasil, cuja carta, gostosamente, publicamos.

Belém 26 de Maio de 1947
Rev.º Sr. P.º Carlos Vaz

Recebi sua carta, ficando-lhe grato pelas suas generosas palavras a mim dirigidas.

Creio que ao receber esta, já tenha em seu poder a quantia de tres mil escudos, que lhe remeti por ordem telegráfica do Banco Moreira Gomes S/A ao Banco Borges e Irmão de Lisboa, a seu favor, que deve receber aí na Loja Nova.

Esta é a minha modesta contribuição, para o engrandecimento de tão majestosa festa do Congresso Eucarístico. Lamentando não me ser possível assistir, mas ficando satisfeito em ter notícias, de que a nossa terra sabe co-

memorar tão grandes feitos de nossa religião,

Sinceros agradecimentos do

Hilario Ferreira

Prado, 8

No passado dia 29, pelas 10 horas realizou-se, na Igreja paroquial, o baptizado da menina Branca da Paz Gonçalves Pereira, filha querida do sr. Herculado Gonçalves Pereira e da sr.ª D. Maria do Céu Marques, da Corredoura. Parainfaram os srs. António Gonçalves e a menina Magnifica Soares Calheiros, ambos desta freguesia. Aos pais enviamos lhes os nossos parabéns. C.

S. Paio, 8

Realizou-se, no passado dia 25, no lugar do Barral, a festividade em honra de Santa Teresinha. Apesar do tempo não oferecer bom aspecto, esteve bastante concorrida. O brilhantismo desta festinha a banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Também, no passado dia 23, cerca das 24 horas, quando um nosso colega regressava da Vila de Melgaço, onde tinha ido assistir a uma pregação feita pelo Vigário Geral desta Arquidiocese, foi ameaçado por um grupo de mariolas, dentro de sua propriedade e em plena estrada, no lugar da Carpinteira, nas proximidades de uma taberna.

Éra bom que as autoridades velassem estes locais, porque o uso contínuo de bebidas alcoólicas por pessoas que não têm educação devido, quer a não recebssem, quer a não queiram cumprir, pôde tornar os indivíduos, perigosos, ao crime.

Lito só de patife! Gnte de senho não faz uma coisa destas

De visita à sua família, cheguei há dias do Brasil, o nosso grande amigo Carlos Costa, chamado Indus, e me armezni na cidade do Rio de Janeiro. Ojalá que possie estes meses com o grão no meio dos seus familiares. C.

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Participação e impressão: «A Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$000
ANO II

MELGAÇO, 15 de Junho de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 11